

Projeto profissional do jovem e sua contribuição para o protagonismo e (re)afirmação de jovens do campo

Youth professional project and its contribution to protagonism and (re) affirmation of young people

Eric de Oliveira
Mônica Aparecida Del Rio Benevenuto

Resumo: Este artigo é parte da dissertação de mestrado do Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola da UFRRJ, que teve como foco de investigação o projeto profissional dos jovens egressos da Escola Família Agrícola de Jaguaré. Neste artigo expomos parte de uma pesquisa desenvolvida por meio de um recorte temporal, compreendido entre os anos de 2011 e 2016. O objetivo é refletir, a partir da realização dos projetos, sobre o alcance dessa proposta pedagógica nas perspectivas de jovens profissionais que concluíram o curso Técnico em Agropecuária na Escola Família Agrícola de Jaguaré, e sua contribuição para o seu envolvimento e permanência no cotidiano do campo. Os resultados revelaram que os jovens colocaram em prática os projetos, deram continuidade dos estudos e permanência no campo, mantendo-se economicamente por meio de atividades agropecuárias com a família e outros jovens desenvolveram atividades pluriativas. A conclusão aponta que o projeto profissional do jovem proposto pela escola faz parte de um projeto para manter o compromisso de reconhecer os jovens como atores protagonistas de transformação do campo e seu envolvimento com a comunidade local.

Palavras-chaves: Técnico em Agropecuária, Jovens Rurais, Campo.

Abstract: This article is part of the master's dissertation of the Graduate Program in Agricultural Education at UFRRJ, which focused on the professional project of the young graduates of the Escola Família Agrícola de Jaguaré. In this article we expose part of a research developed through a time frame, between the years 2011 and 2016. The objective is to reflect, from the realization of the projects, on the scope of this pedagogical proposal in the perspectives of young professionals who concluded the Technical Course in Agriculture at Escola Família Agrícola de Jaguaré, and its contribution to their involvement and permanence in the daily life of the countryside. The results revealed that the young people put the projects into practice, continued their studies and stayed in the countryside, maintaining themselves economically through agricultural activities with the family and other young people developed pluriactive activities. The conclusion points out that the professional youth project proposed by the school is part of a project to maintain the commitment to recognize young people as protagonists in the transformation of the countryside and their involvement with the local community.

Keywords: Agricultural Technician, Rural Youth, Countryside.

Introdução

O presente artigo denota algumas reflexões sobre a realidade dos jovens do campo, sobretudo dos egressos da Escola Família Agrícola de Jaguaré (EFAJ). A EFAJ, assim como as demais Escolas Famílias Agrícolas, tem por



objetivo trabalhar a Pedagogia da Alternância, com a formação das crianças, adolescentes e jovens, os quais em sua maioria são do campo.

A missão educacional da EFAJ é preparar o (a) jovem por meio da formação integral e profissional em atividades produtivas ligadas ao campo nos aspectos técnicos, administrativos e ambientais da produção, do beneficiamento e/ou prestação de serviços de assistência técnica e extensão rural em vista de promover o desenvolvimento sustentável e solidário do seu meio. O enfoque profissionalizante do curso está na formação de jovens capazes de gerenciar atividades produtivas e/ou profissionais, de maneira autônoma e com qualificação para desenvolver atividades ligadas ao espaço rural (PPP, 2015).

Esta perspectiva é uma via para proporcionar aos jovens a oportunidade de protagonizar iniciativas que contribuam não só para o desenvolvimento de seu território, mas, sobretudo que lhes proporcionem a autorrealização pessoal e profissional, como membro comprometido com sua comunidade que seja capaz de reconhecer sua capacidade de liderança como jovem empreendedor, e possibilitar sua permanência no campo em prol de uma garantia de vida melhor, por meio do desenvolvimento rural sustentável.

Diversos estudos atuais no Brasil e em outros países apontam para a tendência da saída de jovens do campo rumo às cidades. O que torna a questão foco do debate atual é o contexto da política de reforma agrária que vem sendo implementada no Brasil desde 1985. Nesse caso, autores como Abramovay et al. (2005) apontam para a reversão no quadro de migração do campo para a cidade provocada pelo assentamento em massa de famílias no meio rural. Porém, segundo o autor, essa reversão estaria comprometida pelo êxodo dos jovens. Essa situação seria agravada pela tendência de migração maior entres os jovens, provocando o que ele denominou de “masculinização dos campos”.

Para Castro (2010) “ficar ou sair” do campo é mais complexo do que a leitura da atração pela cidade e nos remete à análise de juventude como uma categoria social chave pressionada pelas mudanças e crises da realidade no campo, e para a qual a educação do campo tornou-se uma questão estratégica. De acordo com Brancolina Ferreira (2010), em entrevista ao IPEA - Instituto de



Pesquisa Econômica Aplicada¹, o jovem rural é categoria chave para a reprodução do campo e a agricultura familiar. Os jovens tem um papel além dos jovens urbanos, tem a continuação da unidade de produção familiar rural. A propriedade familiar é dividida até certo ponto, ou seja, com isso, boa parte dos jovens precisam buscar outra forma de trabalho.

A pluriatividade presente no modo de vida das famílias rurais demonstra que essa é uma estratégia altamente promissora para o desenvolvimento local. Potencialidades que o campo sempre pode oferecer, mas por falta, tanto de políticas públicas locais como pela carência de uma mentalidade empreendedora baseada no associativismo e cooperativismo, agora estão sendo cultivados de maneira sustentável por iniciativa dos movimentos sociais do campo, sindicatos, escolas famílias agrícolas e institutos. Com a participação das famílias nesses espaços o processo de formação é maior e pode aumentar a capacidade de desenvolver em suas comunidades e propriedades.

A Escola Família Agrícola com a oferta do Curso Técnico em Agropecuária tem formado novos profissionais que estão inseridos em uma nova realidade rural na região, ao passo que cresce a expectativa referente ao potencial agrícola e de mercado. Para a EFAJ esse desenvolvimento deve estar integrado às conquistas sociais, de tal forma que compreende não existir desenvolvimento real sem essas conquistas. Tendo em vista prepararem um profissional flexível e apto a desempenhar por meio de suas habilidades, a competência apreendida, permitindo constante atualização, aquisição de novas formas de conhecimento, a integração entre trabalho e escola, visando à qualidade e a sustentabilidade econômica, social e ambiental, em consonância com a filosofia educacional das EFAs.

Nesta proposta educativa, o projeto profissional do jovem é visto como resultado concreto da formação dos jovens, sendo indicador das aprendizagens ao longo do processo. A escola com o sistema empreendido pela Pedagogia da Alternância vem acompanhada de um conjunto de princípios educativos, onde

1 Entrevista veiculada no programa de TV do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. Apresentação feita pelo jornalista Ricardo Wegrzynovski. Vídeo postado no Youtube em 17 de abril de 2010. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LE3tZv8Cq1U>. Acesso em 16 jul 2020.



seu objetivo principal é não desvincular os jovens educandos de suas famílias e de seu meio de convívio. Com esta perspectiva, o projeto é um instrumento que contribui para que o estudante, partindo da identidade do grupo familiar, dos seus objetivos e planos de futuro, perceba a unidade de produção da sua família ou a comunidade como espaço para empreender uma alternativa viável à sua realidade. O PPJ é compreendido, do ponto de vista didático-pedagógico, como um componente curricular, um elemento que tem a função de sistematizar o conhecimento adquirido pelo estudante, organizar as informações oriundas do seu conhecimento produzido na vivência familiar e comunitária e nos momentos de aprofundamento da sua realidade socioprofissional.

A escolha e interesse em discutir e escrever sobre esse tema parte da formação e convivência com o campo e atuação em escolas rurais. Embasado nessa ideia, surge nosso objetivo de refletir, a partir da realização dos projetos, sobre o alcance dessa proposta pedagógica nas perspectivas desses jovens profissionais proporcionando seu envolvimento e permanência no cotidiano do campo.

O texto que segue está organizado em quatro sessões: na primeira retratamos o panorama da Escola Família Agrícola de Jaguaré, contextualizando com sua proposta pedagógica em relação à Pedagogia da Alternância, Educação do Campo, Formação Integral e os Projetos Profissionais do Jovem; na segunda, expomos o processo metodológico que embasa este estudo. Na terceira, apresentamos os resultados alcançados e discussões feitas a partir do objetivo central. Na última parte trazemos uma pequena conclusão sobre a questão discutida ao longo destas páginas.

A realidade da EFA de Jaguaré

A EFA de Jaguaré surgiu como alternativa para dar respostas aos problemas socioeconômicos e políticos do meio rural os quais ocasionavam a expulsão dos pequenos e médios proprietários de suas terras. Tem sua origem na luta das famílias de agricultores que estavam preocupados com a carência de uma educação para os jovens rurais, o êxodo rural, a expansão do agronegócio. Estas famílias reivindicavam uma educação própria e apropriada



para a continuidade dos estudos dos filhos, com ênfase no desenvolvimento rural sustentável e solidário do campo.

Até o ano de 1990, a escola ofereceu o Curso Supletivo de Suplência em Nível de 1º Grau, ao mesmo tempo em que a realidade do município exigia o curso de 2º Grau na modalidade profissionalizante. Com a proposta de atender as demandas do meio rural e sua profissionalização, no ano de 1989, por meio de uma administração de caráter popular com participação comunitária, foram criadas três escolas comunitárias municipais rurais de ensino fundamental nas regiões de Giral, São João Bosco e Japira.

Um projeto embasado na Pedagogia da Alternância que proporcionou a mudança do curso de suplência da EFA de Jaguaré para o curso de 2º Grau profissionalizante – Técnico em Agropecuária, nos moldes do Parecer CEE n: 45/72. Mantendo a proposta da Pedagogia da Alternância e da participação comunitária e dos movimentos sociais, atualmente a escola oferece o curso Técnico em Agropecuária dentro do eixo tecnológico recursos naturais, na modalidade em alternância.

A Pedagogia da Alternância caracteriza-se, por uma formação com períodos alternados de vivência e estudos na escola e na família no seu meio socioprofissional acompanhados pelos monitores e pelos pais, garantindo a formação integral do jovem e a aplicação dos instrumentos pedagógicos que são próprios e apropriados para uma educação de qualidade, uma vez que a educação do campo é direito de todos.

De acordo com o Coordenador Administrativo da EFAJ, a oferta do curso técnico em agropecuária, foi uma reivindicação das famílias de agricultores que desejavam uma educação própria e apropriada para continuidade dos estudos dos filhos, com ênfase na meta do desenvolvimento rural sustentável e solidário do campo. Esse anseio tornou-se real e está comprovado, na medida em que ao terminar o curso, os estudantes estão exercendo várias atividades no meio agrícola e na extensão rural, dando continuidade aos estudos no mesmo campo da formação.

Partindo desses pressupostos, Molina (2009) esclarece que a legislação educacional do campo está aliada aos dispositivos da Constituição Federal, e



está também definida na Lei de Diretrizes e Bases (LDB), lei no 9.394/1996, nos seus artigos 23, 26 e 28, a especificidade do campo no que diz respeito ao social, cultural, político e econômico. No caput do artigo 28 da LDB, encontra-se a garantia do direito dos sujeitos do campo à construção de um sistema de ensino adequado à sua diversidade sociocultural, requerendo das redes as necessárias adaptações de organização e metodologias, e currículos que contemplem suas especificidades.

O objetivo da EFAJ é preparar o (a) jovem com formação integral e profissional em atividades produtivas ligadas ao campo nos aspectos técnicos, administrativos e ambientais da produção, do beneficiamento e/ou prestação de serviços de assistência técnica e extensão rural em vista de promover o desenvolvimento sustentável e solidário do seu meio. O enfoque profissionalizante do curso está na formação de jovens capazes de gerenciar atividades produtivas e/ou profissionais, de maneira autônoma e com qualificação para desenvolver atividades ligadas ao espaço rural (PPP, 2015).

Este serviço de educação contribui para o desenvolvimento territorial por meio do fortalecimento da agricultura familiar e da extensão rural, estimulando a diversificação agropecuária, a produção sustentável, o cuidado com o meio ambiente, a geração de renda e a qualidade de vida, propiciando o empreendedorismo e o protagonismo dos estudantes e egressos, tanto em nível familiar como comunitário.

Em consonância com o objetivo da escola e com esse pensamento, Caldart (2009, p.259) afirma que:

A Educação do Campo projeta a educação para além das cercas da escola, propondo princípios de educação que partem das lutas e reforçam as práticas sociais. É concebida pelos trabalhadores para que eles tenham o direito de acessar os conhecimentos construídos historicamente pela humanidade, mas que possam, além disso, fazer crítica, problematizar e construir novos saberes na interação dos diversos saberes. E que estes contribuam na solução dos problemas e sejam para outra lógica de produção e de trabalho que não seja a do trabalho dos princípios capitalistas.

As ideias de Caldart (2009) nos permitem dizer que o processo de luta dos povos organizados do campo trouxe a especificidade da Educação do



Campo associada à produção da vida, do conhecimento e da cultura do campo, evidenciando o direito de estudar no lugar onde vivem.

A EFAJ, com a oferta do Curso Técnico, tem formado profissionais os quais estão inseridos em uma nova realidade rural na região, ao passo que cresce a expectativa referente ao potencial agrícola e de mercado. Nas EFAs, os jovens são orientados a entenderem de forma crítica os porquês das mudanças que acontecem na realidade do campo. Isso, aliado ao processo de ajuda ao sujeito, à pessoa, ao conhecimento de si próprio, da sociedade em que vive, permite-lhe alcançar sua própria autonomia e uma adequada integração no âmbito social. Nesse sentido, a formação profissional propõe colocar os jovens em situações novas por meio da elaboração do Projeto Profissional do Jovem - PPJ.

Na Pedagogia da Alternância, o saber prático obtido junto à família, na execução das tarefas e a teoria obtida na escola durante a troca de experiências e absorção dos conteúdos ensinados, se fundem. Assim, podem auxiliar e aprofundar a compreensão do que ocorre no dia a dia, na família e na escola, onde o conhecimento emerge, se amplia e se consolida, facilitando ao jovem alternar e valorizar aquilo que ele faz e sabe. É na vinculação do conhecimento escolar com o envolvimento da família, que o jovem reflete sobre seu meio e elabora seu marco de referência (PPP, 2015).

Durante o processo de formação, conforme retrata Oliveira (2018, p.16):

Os estudantes são orientados a entenderem de forma crítica a causa das mudanças no ambiente, no homem e na sociedade. Nesse sentido, a formação profissional propõe colocar os jovens em situações novas por meio da elaboração do Projeto Profissional do Jovem. Desde o início da formação profissional o estudante adquire elementos que lhe permitem aperfeiçoar sua capacidade de projetar, mas é na 4ª série do Ensino Médio Profissionalizante, orientado pela disciplina de Planejamento e Projeto que o estudante sistematiza e apresenta o seu projeto. O PPJ é visto como resultado concreto da formação dos jovens sendo indicador das aprendizagens ao longo do processo.

Para o monitor da disciplina de Planejamento e Projeto e orientador do PPJ, os estudantes precisam desenvolver as competências e habilidades que estão inseridos no plano de curso e o mesmo é compreendido do ponto de vista didático-pedagógico, como um componente curricular, um elemento que tem a



função de sistematizar o conhecimento adquirido pelo estudante, hospedar e organizar as informações oriundas do seu conhecimento produzido na vivência familiar e comunitária e nos momentos de aprofundamento da sua realidade socioprofissional.

O PPJ é um dos instrumentos pedagógicos do Plano de Curso da EFAJ e tem como objetivo aprender a projetar considerando todos os aspectos que influenciam no desenvolvimento de uma atividade profissional, utilizando as potencialidades do meio socioprofissional do jovem de maneira que seja aplicável economicamente, nos princípios da tecnologia apropriada e ainda possibilitar o emprego autônomo e renda parcial ou integral para o estudante e sua família.

A confecção do projeto não exige simplesmente que os estudantes comecem logo o diagnóstico, mas que aprendam para que ele sirva, como é feito e como se articula com as fases seguintes. É necessário que os jovens experimentem diagnosticar situações ligadas à sua realidade, sobre a qual já têm informações significativas. A elaboração do projeto ao longo do processo de formação torna o mesmo um instrumento de pesquisa, de reconhecimento pelo próprio jovem das práticas da sua família e, de forma mais geral, da agricultura familiar, assim como de aplicação dos conteúdos.

De acordo com o PPP (2015), o PPJ é um instrumento que contribui para que o estudante, partindo da identidade do grupo familiar, dos seus objetivos e planos de futuro, perceba a unidade de produção da sua família ou a comunidade como espaço para empreender uma alternativa viável a sua realidade. Para Oitaven (2014), o PPJ é um instrumento que pode exercer papel de extensão, estreitando a comunicação entre os saberes acadêmicos, desenvolvidos nas universidades, instituições e empresas de pesquisas e o saber dos agricultores desenvolvidos no dia-a-dia de suas atividades agrícolas.

O projeto deve também permitir, concomitantemente, o entendimento sobre a necessidade de ampliar horizontes e de construir redes de relações que viabilizem iniciativas inovadoras para o local, seja em termos de produção e diversificação, de processos beneficiamento, transformação ou comercialização, ou ainda, de formas de organização dos produtores. O processo de construção



do projeto deve resultar em um instrumento efetivo de viabilização de oportunidades de geração de trabalho e renda. Não se trata apenas de um exercício escolar, ou de um requisito parcial para a conclusão do curso, mas de um recurso para que o jovem projete e crie oportunidades e, depois realize ações para viabilizá-las.

Em termos gerais, a ideia de projeto apresenta alguns elementos que se sustentam entre eles: refere-se ao futuro, abertura para o novo e a ação – fazer, de caráter indelegável. Em relação ao futuro, uma vez que representa algo que iremos realizar, surge “o novo”, e é difícil pensar adiante sem perceber desafios, incertezas, dúvidas, etc. Todavia, buscamos programar algo, dentro do que conhecemos. O projetar supõe confiança no futuro. A ação: realizada por um ou mais sujeitos, feita individualmente ou coletivamente (PPP, 2015).

A Pedagogia da Alternância como sistema pedagógico, cujo princípio é de formação integral do jovem em vista do desenvolvimento equilibrado da pessoa e do meio, projeta através do seu plano de formação um ser, sujeito de transformação, que assimile a realidade transformando-a, recreando-a e não simplesmente copiando ou reproduzindo; sujeito protagonista do conhecimento, fazendo parte de dentro do processo de sua formação e apoiado, orientado pelos agentes educacionais, buscando desenvolver continuamente as potencialidades humanas em todas as dimensões.

No entanto, como afirma Freire (1987, p.47):

“Não há uma escola que ensine tudo e para toda vida. A educação na escola constitui apenas uma parte de todo esse processo que é a educação. É preciso que o jovem na sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção de saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou construção”.

É perceptível que a colocação de Freire nos encaminha à ideia de autoformação que deve ser assumida pelo jovem para acrescentar sua formação integral.

Para a UNEFAB (2007), A formação integral coloca-se como um projeto pessoal. O desenvolvimento do meio, que sempre deve ser integrado, abrange aspectos socioeconômicos, humanos, políticos e culturais. A EFA não é uma



escola que está somente preocupada a ensinar o filho do agricultor a ler e a escrever, ela contribui e proporciona aos jovens uma formação integral e global, como também um desenvolvimento, permitindo-os a questionar, refletir e agir sobre a nossa realidade local tendo como resultado a qualidade e a dignidade de vida no campo.

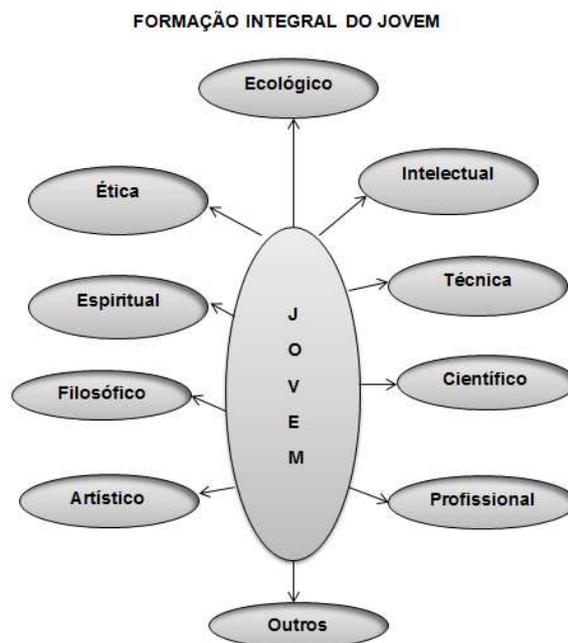


Imagem 01 - Aspectos da Formação Integral dos Jovens²

Fonte: Oliveira (2018).

Ecológico: valorização dos recursos naturais e compreensão da interdependência homem-natureza, em vista de estabelecer uma relação mais harmônica e equilibrada.

Ética: respeito aos valores essenciais, justiça, solidariedade, não querer para o outro o que não deseja para você.

Espirituais: compreender que o ser humano não é um animal qualquer; tem cultura e abstrai a vida.

Econômicos: valorizar a riqueza como um bem social.

² Os objetivos citados nos aspectos da formação integral foram retirados do processo de renovação de oferta de curso. Curso Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, Eixo Tecnológico Recursos Naturais na Escola Família Agrícola de Jaguaré. Resolução CEE nº 3.807/2014 D.O. 08/07/2014- Jaguaré- ES, 2014.

Filosóficos: perceber o sentido das coisas e da vida, o porquê dos fenômenos.

Artísticos: capacidade de ver, contemplar as belezas naturais e culturais, apreciar as expressões gráficas no tempo e espaço.

Intelectuais: trabalhar a mente e o exercício da inteligência.

Técnicos: desenvolver o modo de fazer, habilidades, respeito ao outro e à natureza.

Científico: ter acesso ao conhecimento dos porquês da técnica e seus fundamentos.

Profissional: realizar-se na profissão, sentir-se bem no trabalho.

Humanos: ter autoconhecimento do seu “eu” e das pessoas em geral.

Sociológicos: conhecer a estrutura da sociedade, compreender a estrutura social.

Outros: aspectos políticos e culturais, lazer e sexualidade.

Para o Coordenador Administrativo da EFAJ, o ensino, sobretudo em Pedagogia da Alternância por meio da formação integral, deve seguir o desenvolvimento humano, a articulação de grupos locais, a equidade na distribuição de renda e a diminuição das diferenças sociais, com a participação e organização da comunidade de igual maneira.

O Presidente da Associação de Pais da escola aponta que a EFAJ não está ali somente para ensinar o estudante a ler e escrever, mas também para ensinar o estudante no dia a dia por meio da formação integral e essa escola está preparando o jovem para enfrentar o mundo do trabalho por meio de seu desenvolvimento social, humano e cultural. Portanto, essa formação integral ensinada na EFAJ faz parte de um projeto pessoal. Contudo, a partir dos depoimentos e do diálogo, compreendemos que a formação integral visa alcançar todos esses aspectos citados e ocorre à medida que lhe é agregada de forma dialética e articulada por meio de suas várias dimensões: cognitiva, afetiva, relacional, emocional, corporal, ética e espiritual.



Os caminhos da pesquisa

A investigação estendeu-se por meio de uma pesquisa de abordagem qualitativa e quantitativa (MINAYO, 2003). A coleta de dados ocorreu nos meses, de agosto a novembro de 2017. Foram utilizados questionários e entrevistas semiestruturados, e visitas aos locais dos projetos e comunidades, com o objetivo de conhecer *in loco* os projetos implantados e como estes vêm contribuindo para o desenvolvimento da agricultura familiar.

Foram convidados a participar desse processo todos os 112 egressos que concluíram o Curso Técnico em Agropecuária, entre os anos de 2011 a 2016, na EFAJ. A pesquisa foi organizada a partir da catalogação, junto à secretaria da escola, dos estudantes concluintes de cada ano. Com os dados dos egressos em mãos, estabelecemos contato com eles por meio de telefonemas, e-mails e mensagens em redes sociais. A partir desse movimento, 45 egressos deram retorno e conseguimos estabelecer dias, horários e locais das reuniões para aplicação dos questionários e realização das entrevistas.

Os jovens participantes estão sendo nomeados por nomes de árvores que tendem a ser femininas e masculinas, de acordo com seu gênero. O intuito dessa nomeação não tem a conotação de árvore como algo fixo e que não se move, pois “ninguém fixa ninguém”, sobretudo no campo. Utilizar a denominação por árvores seguiu a ideia de crescer, florir, frutificar e reproduzir no campo, uma capacidade inerente a esta geração.

Os depoimentos fornecidos pelos participantes no presente estudo tiveram por base uma análise qualitativa dos dados, observando as categorias neles trabalhadas. Para maiores esclarecimentos na pesquisa documental foi necessário entrevistar o coordenador administrativo, pedagógico e agropecuário da EFAJ. O objetivo dessa forma de tratar os dados foi o de analisar a percepção desses atores quanto a sua formação como Técnico em Agropecuária e estabelecer uma relação dialógica das falas dos sujeitos com a proposta do Projeto Profissional do Jovem.



Entre diálogos e práticas: a realidade dos jovens rurais de Jaguaré

Retratos dos Jovens do Campo de Jaguaré

A agricultura familiar é fundamental para a permanência dos jovens no campo visto que o futuro da agricultura familiar está em suas mãos. Os jovens não permanecerão no campo porque o governo ou os pais querem, eles ficarão no campo por terem razões para permanecer (PUNTEL, 2011). É baseado nesse diálogo que buscamos trazer neste tópico um olhar sobre os jovens no município de Jaguaré e em especial dos egressos da EFAJ. De modo geral, os jovens agricultores familiares já nascem em uma família de agricultores.

Como confirmam Castro (2010), Wanderley (2009), Carneiro (2005), é importante entender as concepções dos jovens para garantir que a concretização de seus projetos de vida seja possível. No entanto, embora os novos postos de trabalho do rural multifuncional demandem uma série de capacitações e domínios, e mesmo com o município não oferecendo, até o momento, estruturas necessárias para estas novas capacitações e qualificações, muitos dos jovens pretendem manter moradia em suas comunidades rurais, ora trabalhando em atividades agropecuárias ou pluriativas, ora trabalhando no comércio local, não pretendendo necessariamente deixar o campo.

Dizer que os jovens estão indo embora, em Jaguaré isso não seria diferente, pois políticas públicas para a juventude se manter no campo ainda não é a realidade dos jovens por lá. Um fator principal para a permanência desses jovens no campo é a agricultura familiar, uma vez que nas regiões onde o número de agricultores familiares é maior a permanência dos jovens no campo é bem significativa. Conforme os dados na ficha de matrícula da escola, a região do Giral, por exemplo, apresenta um número bastante significativo de pequenos agricultores familiares, com isso os filhos desses agricultores que são os jovens hoje, dão continuidade ao trabalho que era dos pais e isso vem passando de geração para geração, ou seja, a sucessão familiar, conforme aponta Stropasolas (2011). Esses Jovens participam de forma ativa com cargos específicos como associações de produtores, comunidades religiosas, grupos

de jovens e times de futebol, os quais são exemplos de aspectos muito fortes em Jaguaré.

Procuramos saber com esse público mais específico, que tem uma boa representatividade dos egressos pesquisados, o que eles pensavam sobre serem jovens rurais. Por várias discussões feitas na roda de conversa chegaram à seguinte definição coletiva:

“Ser jovem rural, jovem agricultor, jovem do campo, ou qualquer outra designação que nos é dado, hoje em dia é ter responsabilidade, querer, assumir lideranças e compromisso com a nossa região, na qual estamos inseridos promovendo a participação à mobilização de outras pessoas e o conhecimento na sociedade visando mudança de hábitos, tentando sair da mesmice para mudar a realidade local” (Jovens pesquisados, 2018).

A relação dos jovens rurais com a unidade produtiva da terra tem implicações fundamentais na elaboração de seus projetos profissionais de saída ou permanência na agricultura. Para este jovem o trabalho no campo é exaustivo e cansativo, entretanto consegue perceber as dádivas da natureza desde o semear e colher, sem deixar de lado os ensinamentos passados de geração em geração.

“Então, a meu ver ser Jovem Rural é uma lida diária muito grande e ao mesmo tempo gratificante. Pois, buscamos diariamente trabalhando com a terra, alcançar nossos objetivos, e isso às vezes é cansativo até exaustivo, mas, considero gratificante por termos esse privilégio de semear algo, e ver essa grande magia da natureza que é nascer, crescer e frutificar. Não posso deixar de destacar também, a grande importância de usar dos ensinamentos adquiridos pelas gerações passadas (pais, avôs, tios.), que nos passam sempre com tanto carinho a forma de como lidar com a agricultura” (Jovem rural Aroeira 22 anos, sexo feminino).

Outro jovem aponta o processo de ensino aprendizagem com a escola onde estudou o curso técnico em agropecuária e faz a relação da contribuição da economia do município. Outro aspecto relevante é a questão de gênero, pois a mesma afirma que a mulher rural tem condições e competências em cuidar da terra.

“Ser jovem rural no município de Jaguaré é uma grande honra, pois trás muito orgulho saber que contribuo para a economia



deste lugar e de nosso país. É motivador estar em contado direto com o meio rural, colocando em prática toda a teoria que aprendi nos CEFFAS que estudei. Além disso, é mostrar para a sociedade que a mulher agricultora tem valor e que sabemos sim cuidar da terra e fazê-la produzir, gerando renda para a família e emprego na região. Ser jovem rural é, sobretudo, estar feliz com tudo o que conquisto a cada dia com o suor do meu trabalho, com minhas mãos sujas, mas com a alma limpa por estar trabalhando honestamente e com muito amor pelo que faço” (Jovem Rural Sapucaia – 24 anos, sexo feminino).

A preocupação deste jovem é sobre o desafio em conduzir novos projetos, uma vez que a monocultura em Jaguaré é muito forte, sobretudo do café e da pimenta-do-reino e que muitos projetos articulados pelos jovens não conseguem ir em frente. Entretanto, aplicar os conhecimentos como técnico agrícola da EFA é trabalhar em prol do desenvolvimento e da agricultura familiar.

“É desafiador, porque já existe uma cultura tradicional implantada. Implantar o novo requer maturidade para quebrar paradigmas, uma vez que a monocultura domina as propriedades rurais e a maioria das vezes pressiona e faz cair no esquecimento propostas e projetos articulados pelos jovens, pois existe um mercado muito grande para as culturas de café e pimenta-do-reino. Por outro lado, conduzir uma propriedade rural sendo técnico agrícola é um passo para o desenvolvimento da agricultura familiar, pois trabalha de maneira mais consistente das ações” (Jovem Rural Ipê – 21 anos Sexo Masculino).

Não existem políticas públicas suficientes para permanência da juventude no campo, por isso há procura de oportunidades em outros lugares, sobretudo nas cidades, isso foi citado por um jovem como um desafio a ser enfrentado. Em sua visão, se os jovens organizarem por meio de associações juntamente com outras organizações existente ali, é possível encontrar uma saída para a melhoria e permanência na região.

“Muitos dos jovens da região estão se apresentando em várias áreas. Os grandes feitos são a falta de oportunidades de conseguir a vida e a estabilidade financeira na região, por que muitos têm procurado os outros locais para tentar ter uma melhor qualidade de vida. A falta de investimento do governo é um grande desafio, apesar de haver falta de esforços, os incentivos para pequenos agricultores, estradas de qualidade, creches, falta de valorização da educação do campo etc. Como as perspectivas são uma organização de famílias para o fortalecimento das iniciativas, a política de formação de uma associação de pequenos negócios e uma grande parceria com



o ECOR SJB que tem promovido ações em prol da região” (Jovem Rural Jequitibá – 24 anos, sexo masculino).

Os jovens que participam mais ativamente dos movimentos sociais geralmente acabam ocupando posições de importância na sociedade, que por vezes, resultam desses movimentos. De acordo com Brancolina (2010), os jovens estão dentro dos movimentos sociais reivindicando seus direitos. A organização mais massiva de organizações de juventudes rurais aponta para um fenômeno em movimento, sobretudo na região norte e noroeste do Espírito Santo.

Sendo assim, como aponta o lema do 19º grito dos excluídos “Juventude que ousa lutar, constrói o projeto popular”, os jovens rurais devem cada vez mais se tornar participante da sua comunidade local, ajudando nas discussões políticas, buscando políticas públicas que venham favorecer o desenvolvimento local sustentável para uma vida digna no campo. Percebemos que esses jovens são agricultores, comprometidos com o contexto da agricultura familiar e, sobretudo com a sua permanência e sucessão familiar, buscando um desenvolvimento justo para o campo.

As ocupações relatadas pelos jovens após a conclusão do curso técnico em agropecuária mostraram que mais da metade, 85%, permanece no campo lidando com algum tipo de atividade ligada ao meio rural. São vendedores em lojas agropecuárias, agricultores e eletrotécnicos, técnicos agrícolas, professores e secretários escolares. Chamou a atenção um pequeno número: os 11% que seguiram estudando, pois a escola não tem o objetivo de ensinar os jovens a somente ficar no campo, mas de mostrar várias oportunidades no mundo do trabalho. Uma boa parte dos egressos continuam seus estudos como mostrou a pesquisa. Existe um ponto forte que é a localização do município de Jaguaré, onde o mesmo faz divisa com Linhares, São Mateus e Nova Venécia. Esses municípios por meio dos Institutos Federais (IFES) tem a oportunidade de continuar seus estudos pela facilidade de locomoção. Outro ponto forte é o Centro Universitário do Espírito Santo (CEUNES) que fica localizado no Município de São Mateus e oferece os cursos de agronomia, ciências biológicas e licenciaturas em educação do campo. A Universidade oferece outros cursos também, entretanto esses são os mais procurados pelos egressos.



Outros jovens exercem a pluriatividade, ou seja, desenvolvendo outras atividades junto com a atividade rural. Guaitolini (2015) pontua que os espaços pluriativos da agricultura familiar são caracterizados como estabelecimentos rurais, pertencentes a agricultores familiares, nos quais são desenvolvidos tanto atividades agropecuárias quanto atividades não agropecuárias, por vezes incentivadas por políticas públicas.

Quando um membro pelo menos, de uma família rural exerce alguma atividade não agrícola, seja atividade principal ou secundária, fica caracterizada a pluriatividade. Desse modo, as atividades que estão sob o conceito de pluriatividade servem como complemento à renda total da família rural, criando uma nova dinâmica no campo. Dependendo do que a região tem a oferecer, várias ocupações remuneradas podem ser consideradas pluriatividades, como as atividades da construção civil ou do comércio em geral.

Propostas juvenis para a melhoria da agricultura familiar

Na EFA de Jaguaré a aplicação do PPJ ocorre no último ano do Curso Técnico em Agropecuária dentro da disciplina de Planejamento e Projeto, com a carga horária de 105 horas prevista na organização curricular do curso. Durante o primeiro, segundo e terceiro anos, os estudantes tomam ciência da existência do projeto de conclusão, no entanto, as disciplinas da área técnica vão dando suporte para a formação dos jovens, com intuito de aprimorar seus conhecimentos para que os mesmos consigam desenvolver o trabalho de conclusão. Outras ferramentas importantes que contribuem para a realização do PPJ são: o plano de estudo, experiências, estágios supervisionados e visitas e viagens de estudos. Essas ferramentas utilizam metodologias de pesquisas por meio do plano de estudo que é adotado nas escolas com a Pedagogia da Alternância. Desenvolvem a capacidade de interpretação e da escrita, além de interpretar a realidade local e geral.

A escolha dos temas dos PPJs é uma tarefa desafiadora para os estudantes, visto que eles precisam dar início e término àquilo que se propõem a pesquisar. Nesse caminho, a participação da família na escolha do tema é relevante, pois os estudantes ainda não possuem autonomia suficiente para



tomar determinadas decisões relacionadas às atividades laborativas desenvolvidas nas propriedades.

A proposta dos temas para elaboração dos projetos a serem desenvolvidos pelos estudantes passa por uma discussão na escola e nas famílias para serem definidos de acordo a necessidade familiar e de forma coletiva. Entretanto, existem estudantes que não tomam essa decisão junto da família e preferem desenvolver o projeto de forma individual.

Estes projetos seguem diferentes linhas de pesquisa. No setor primário estão voltados, principalmente, para a produção vegetal e animal: implantação, melhorias, recuperação da cultura e/ou do solo, água, infraestrutura, agroecologia, melhoramento genético, recuperação de nascentes, entre outros. Esses projetos buscam a diversificação, a rotação e o consórcio de culturas de modo a implementar manejos sustentáveis e agroecológicos, preocupados com o impacto ambiental, econômico e social das famílias e comunidades. Na categoria do setor secundário, os projetos voltam-se para a implantação ou implementação da agroindústria, que visam autonomia na produção, a comercialização direta, baixa mecanização e agregação de valores dos produtos locais.

No setor terciário, destacam-se as áreas de extensão rural, educação do campo, associações e cooperativas, consultoria técnica e outras. Nesta categoria, os PPJs estão relacionados à pluriatividade do campo, ou seja, a atividades não agrícolas que surgem no meio rural, que vêm complementando as atividades agropecuárias com intuito de melhorar a renda da família e ajudar no lado social da comunidade. Estas atividades estão relacionadas à gestão e administração de atividades ligadas diretamente a produção e comercialização dos produtos agropecuários: oficina de moto e bicicleta, organização de uma associação e cooperativa, salão de beleza, etc.

Os egressos demonstraram preocupação em diversificar a unidade produtiva, procurando desenvolver projetos que não ficassem somente com a principal economia agrícola do município representada pelo café e pela pimenta-do-reino, embora sejam culturas que vêm de tradição familiar. Os jovens tendem a inovar, por meio da diversificação agropecuária, buscando melhorar a renda



da família e garantir a realização de sua perspectiva profissional e de renda. Os motivos que levaram ao tema dos projetos podem ser destacados nos seguintes aspectos, de forma decrescente em relação às respostas: melhoria da renda familiar, tradição familiar, diversificação e desenvolvimento social.

A implantação dos projetos: desafios, oportunidades e perspectivas.

Durante a aplicação e orientação do PPJ, é recorrente que o tema parta de um acordo familiar, baseado nos interesses da realidade e com possibilidade de implantação. Mas nem sempre isso ocorre conforme planejado pelos egressos, pois foram destacados motivos pertinentes e imprevisíveis que impossibilitaram a aplicação dos mesmos. Estes motivos estavam relacionados a questões naturais, recursos financeiros, alterações familiares.

Mesmo que a maioria tenha conseguido implantar seus projetos, foi possível constatar alguns entraves para chegar ao objetivo desejado. Das dificuldades encontradas destacamos as seguintes: questões naturais, como a prolongada estiagem na região que prejudicou principalmente a agricultura familiar; dificuldade em encontrar mudas de boa qualidade, pois após plantar, foi preciso arrancar muitos pés infectados de doenças provenientes de viveiros; influência do agronegócio impondo seu pacote tecnológico; a falta de incentivo na região e do poder público; alto custo dos produtos para a implantação das culturas, poucos recursos financeiros e a queda do preço do quilo da pimenta-do-reino e da saca do café.

Podemos perceber que os desafios e as dificuldades encontradas foram bastante significativos, mesmo assim, não foram suficientes para que esses jovens desistissem dos projetos. Essas dificuldades podem ser consideradas como pontos fracos onde os mesmos dificultam o alcance dos objetivos desejados e sobre os quais os jovens também têm algum controle como, por exemplo, os recursos financeiros. Há fatores no ambiente externo que são incontroláveis e que podem dificultar ou inviabilizar os projetos implantados, como as instabilidades climáticas, novas pragas e doenças, oferta e demanda e alto custo dos insumos. Partindo de um princípio que já existe um mercado consolidado que dita o valor dos produtos, os jovens produtores ficam,



infelizmente, sem saída para dialogar sobre o preço dos produtos a serem comercializados.

Os jovens que implantaram os projetos apontaram os seguintes resultados: aumento na produção do leite, maior qualidade dos produtos, bons lucros, mais conhecimentos adquiridos, boa produtividade da cultura, maior renda e baixo custo de produção, sustentabilidade da propriedade, qualidade de vida e organização na implantação do projeto com auxílio da pesquisa realizada, diversificação das culturas, lavoura sadia, entre outros.

Percebemos que os projetos vêm impactando esses jovens de forma positiva na família e na comunidade, dado que eles cultivam produtos saudáveis, respeitando o ambiente de maneira sustentável. O Jovem Rural Cambuci, por exemplo, ressalta que: *“devemos produzir de acordo com os ensinamentos do professor da disciplina Planejamento e Projeto, de maneira socialmente justa, economicamente viável e ambientalmente correta”*.

Observamos também que houve adaptações em relação aos projetos originais, que foram implantados entre os anos de 2011 a 2016. O Jovem Freijó corrobora nossa observação ao relatar que o aprimoramento das técnicas utilizadas após a implantação do projeto que contribuiu de forma significativa para o crescimento de seu conhecimento, visto que ele teve que estudar, pesquisar e realizar estágios sobre o tema proposto, fato esse que favoreceu na mudança do projeto original que a família desenvolvia.

Os egressos salientaram que a implantação dos projetos proporcionam mudanças significativas em suas unidades de produção. As famílias obtiveram mais experiências sobre a cultura da pimenta-do-reino animando-se em implantar mais lavouras. Mudando o perfil da propriedade, aumentou o número de animais por hectare e conseqüentemente a produção de leite, ocasionando diversificação na propriedade, aproveitando pouco espaço e podendo colher duas culturas com boa produtividade. Houve mais prática em planejar as atividades, uma vez que anteriormente o planejamento não era realizado e muito menos seguido. Hoje o planejamento contribuiu para a realização de atividades semanalmente para o comércio dos produtos. O Jovem Rural Freijó, de 24 anos, relatou que juntamente com sua família conseguiu aumentar o número de



animais por hectare de pasto e conseqüentemente a produção de leite com o projeto sobre a criação de vacas leiteiras no sistema de piquetes irrigados. Já o Jovem Rural Jatobá de 22 anos, demonstrou grande interesse em fazer a diversificação na propriedade, aproveitando pouco espaço e podendo colher duas culturas aumentando a produtividade com o projeto sobre o consorciamento da cultura da pimenta-do-reino e café-conilon, garantindo a renda familiar.

Percebemos que os projetos desenvolvidos também proporcionaram mudanças significativas nas unidades produtivas, não somente no aspecto econômico em aumentar a produção agrícola, mas nos envolvidos adotando consciência no aspecto social e ambiental. Para Caliari (2002), o desenvolvimento local na Pedagogia da Alternância é compreendido sob a lógica da participação e mobilização popular. É a base de conversão de propostas em práticas efetivas, preponderando o fortalecimento das decisões dos atores sociais envolvidos em nosso caso os jovens e sendo capaz de gerar dimensões de mudanças sociais, crescimento econômico, preservação cultural, ambiental e possibilitando transformações.

Partindo do pressuposto que os jovens querem desenvolver no campo de forma profissional e pessoal, foi possível constatar que os egressos que ainda não aplicaram, futuramente pretendem desenvolvê-los. Os que já aplicaram, pensam em novos projetos, uns continuando com a produção vegetal e animal, outros com a ideia de reflorestar e recuperar nascentes em suas unidades produtivas e serem pluriativos.

É notório o crescimento das atividades não agrícolas no campo e que as perspectivas para novos projetos dos jovens nessa categoria da pluriatividade vêm aumentando. A pluriatividade possibilita a permanência dos jovens agricultores no meio rural, pois proporciona que estes continuem com as atividades agrícolas mesmo não sendo estas rentáveis.

Observamos que os egressos apresentaram as seguintes perspectivas de futuro:

Permanecer no campo: Para esse grupo de jovens viver campo já é algo consolidado por eles. Pois é no campo que irão continuar a desenvolver seus



projetos agrícolas, buscando sempre o uso de novas tecnologias, aumentando a produção e renda da família. Essa perspectiva se dá também por meio de aquisição de novas áreas de terras, aperfeiçoando nos estudos, reeducando o manejo na produção agrícola familiar. Como depoimento, um jovem expressa:

Minha perspectiva é continuar no campo, pois o adquirir de mais terras, utilizar os conhecimentos adquiridos no curso técnico para ter uma maior produção e qualidade nos produtos, e cada vez mais crescer como cidadão. Tema: Ampliação da cultura da pimenta-do-reino, no sítio Nossa Senhora Aparecida. (Jovem Rural Pupunha, 19 anos, sexo masculino).

141

Uma via pela formação qualificada: ensino superior: Existe aqui um grupo de jovens com uma representação significativa, ou seja, esses jovens estão cursando ou já terminaram o ensino superior, mas não pretendem efetivamente trabalhar com as atividades agrícolas da família, apenas parcialmente, mas pretendem ter o meio rural como moradia. Esse grupo é representado predominantemente por jovens do sexo feminino que apresentam as perspectivas pessoais a seguir:

Terminar o curso de pedagogia e continuar trabalhando como professora de agricultura nas escolas do campo, pois sempre tive uma enorme admiração pela educação do campo. Tema: A implantação da pimenta-do-reino no tutor vivo, garantindo a rentabilidade no sítio Alegria. (Jovem Rural Sucupira, 22 anos, sexo feminino).

Pela via do trabalho local: Para esses jovens morar na propriedade e trabalhar fora é uma estratégia. Esta situação propaga uma condição em que os jovens buscam uma renda complementar para seus investimentos pessoais e para a propriedade agrícola familiar. Muitos jovens filhos de agricultores buscam oportunidades de trabalho e renda migrando em direção às cidades, ou então continuam morando na propriedade da família e percorrem diariamente até a cidade para trabalhar no comércio local, ou departamento público, pois são as duas fontes de emprego além da agricultura no município. A propriedade para esses jovens continua sendo seu ponto de referência e de identificação enquanto jovens do campo.



Montar uma loja própria de adubos e defensivos agrícolas.
Tema: Implantação de piquetes para a criação de gado de leite.
(Jovem Rural Angelim Pedra, 20 anos, sexo masculino).

Tanto pela via da formação qualificada quanto pela via do trabalho local, esses jovens mantêm o desejo de morar no campo e continuar com a agricultura. Na fala desses jovens a pluriatividade se faz presente, visto que possibilita a permanência dos jovens no campo, proporcionando que estes continuem com as atividades agropecuárias mesmo não sendo a atividade principal.

A partir da descrição desses jovens, observamos que eles enxergam o campo como um local de possibilidade para colocar em prática seus projetos de vida. Para os jovens que tem condições de se manter no campo, principalmente aqueles que possuem terra, já é um grande passo para o processo de permanência e desenvolvimento local. Pois se essas juventudes saírem de vez do campo a produção agrícola familiar, futuramente pode estar com os dias contados.

Considerações finais

Este artigo buscou refletir sobre possíveis caminhos que a Pedagogia da Alternância propõe para uma educação de formação integral e humanizada para os jovens do campo. Essa proposta leva em conta todas as dimensões da pessoa, formando cidadãos autônomos, com consciência crítica e solidária que constitui a base do desenvolvimento pessoal e comunitário.

Buscou também compreender a contribuição dos projetos propostos pelos jovens rurais durante o período em que frequentavam a EFAJ e os desafios encontrados para sua aplicação enquanto profissionais técnicos em agropecuários.

Foi possível constatar que muitos desses egressos, ao terminarem o Curso Técnico em Agropecuária, conseguem colocar em prática o projeto e optam por continuarem no campo, verificada a existência de um sentimento latente de pertença ao meio rural, dando continuidade aos estudos, lidando com atividades ligadas ao meio rural, desenvolvendo sua formação de técnico em agropecuária.



Como foi exposto neste artigo, o projeto profissional do jovem proposto pela escola faz parte de um projeto da EFAJ em manter o compromisso de reconhecer os jovens como atores protagonistas de transformação do campo e seu envolvimento com a comunidade local. A possibilidade de constatar a concretização do projeto do jovem entre os egressos, reforça a oportunidade que a escola oferece aos seus jovens para desenvolver seu protagonismo e (re)afirmação de ser jovem rural. Na medida em que há inserção dos egressos com a comunidade, seus objetivos estão sendo confirmados. Quando o jovem torna-se protagonista de experiências inovadoras e bem-sucedidas, seu exemplo tende a ser seguido por outros ao seu redor. Ele torna-se uma referência na região, o que lhe confere capacidade de liderança.

Referências

ABRAMOVAY, Ricardo. **Raízes da Terra**: parcerias para a construção de capital social no campo. Secretaria de Reordenamento Agrário do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Brasília – DF, Abril de 2005.

CALDART, Roseli Salete. et. al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

CALIARI, Rogério Omar. ALENCAR, Edgard. AMÂNCIO, Robson. **Pedagogia da Alternância e desenvolvimento local**. Organizações Rurais e Agroindustriais. v. 4, n. 2. 2002.

CARNEIRO, Maria José. **Juventude rural**: projetos e valores. In: Retratos da Juventude Brasileira São Paulo, Instituto Cidadania/Fundação Perseu Abramo, 2005.

CASTRO, Elisa Guaraná. **Juventude rural “mais que uma palavra”** – uma problematização da construção de categorias sociais. In: Moreira, J. R.; Bruno, R. (org.). *Interpretações, estudos rurais e política*. Rio de Janeiro: Edur/Mauad, 2010. p. 61-94.

_____ et al. **Os jovens estão indo embora?**: Juventude rural e a construção de um ator político. Rio de Janeiro: EDUR/Mauad, 2009.

CONTAG- Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura. **Juventude Reforma Agrária e Agricultura Familiar**. Programa Jovem Saber. 2ª Edição, 66p. Brasília. 2007.



FERREIRA, Brancolina. In: JUVENTUDE Rural – Parte 1. Youtube. 17 abr 2010. 8min31s. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=LE3tZv8Cq1U>>. Acesso em 16 jul 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

GUAITOLINI, Renata Nunes. **Espaços pluriativos da agricultura familiar**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória: 2015.

144

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MOLINA, Mônica Constagna. Oliveira, Liliene Lúcia Nunes de Aranha. Montenegro, João Lopes de. **Das desigualdades aos direitos: a exigência de políticas afirmativas para a promoção da equidade educacional no campo**. Brasília: CDES/Sedes, 2009.

OITAVEN, Sandro Roberto Araújo, **Desenvolvimento rural sustentável e educação do campo: projetos de conclusão do curso técnico em agropecuária por alternância nas comunidades rurais de Nova Friburgo/Brasil e Lobos/Argentina**- Tese de doutorado do programa de pós-graduação em ciência, tecnologia e inovação agropecuária na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – 121pag. RJ- 2014.

OLIVEIRA, Eric. **Da teoria à prática: um estudo de caso sobre o projeto profissional jovem da escola família agrícola de Jaguaré**. 2018. 86f. Dissertação (Mestrado em Educação Agrícola) – Programa de Pós Graduação em Educação Agrícola, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

PPP. **Projeto Político Pedagógico da Escola Família Agrícola de Jaguaré**. Jaguaré, 2015.p.119.

PUNTEL, Augusto Jovane, et al. Situação e perspectivas dos jovens rurais no campo. Educação e Desenvolvimento. Brasília: IPEA, 2011.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **Os desafios da sucessão geracional na agricultura familiar**. Editora Agricultura v. 8 - n. 1 Florianópolis- SC. março de 2011.

UNEFAB. **Revista da Formação por Alternância: Formação Integral**. Brasília: v. 1, n.5, 2007.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **O mundo rural como espaço de vida, reflexões sobre a propriedade da terra, agricultura familiar e ruralidade**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.



Sobre os autores

Eric de Oliveira

eric.eira.mepes@gmail.com

Professor e Coordenador Administrativo na Escola Família Agrícola de Jaguaré/ES. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ (2018). Especialista em Geografia e Educação Ambiental, Gestão Ambiental, Gestão da Educação, Gestão Pública e Biologia da Conservação. Tecnólogo em Administração Rural pelo Centro Universitário do Espírito Santo - UNESC (2005). Licenciado em Geografia e Educação Ambiental pela Universidade de Uberaba – UNIUBE (2012). Licenciado em Pedagogia pela Universidade de Uberaba – UNIUBE (2020).

145

Mônica Aparecida Del Rio Benevenuto

monicadelrio@uol.com.br

Biografia: Possui graduação em Economia Doméstica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1989), mestrado em Desenvolvimento Agrícola área de Agricultura e Sociedade pelo CPDA/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (1993) e doutorado em Ciências/Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade pelo CPDA/ Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (2003). Atualmente é professora Titular da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Na Graduação leciona nos cursos de Serviço Social e Pedagogia e na Pós-Graduação leciona e orienta no Curso de Pós-Graduação em Educação Agrícola-PPGEA.

